



tudo. De qualquer jeito tinha alguma coisa errada. O motivo principal, por que eu mesmo me demiti da Rádio Munique, - o que não se faz assim no mais, porque qualquer um fica feliz quando está dentro de qualquer coisa -, é que a direção da Rádio me comunicou que eu tinha falado besteira na Rádio. Eu reconheci isto. De fato eu muitas vezes falei bobagem, principalmente besteira, mas mesmo assim estava de acordo com a época. Mas quero dizer com isto, é claro, que alguém, fora eu, também tenha falado bobagem na Rádio Munique e se falou, é assunto dele. Mas comigo a coisa é diferente. Não sei fazer a coisa de outro modo, pois um comico é obrigado a falar besteira, senão não seria comico e ou ouvintes não iriam rir. Mas um comico deve fazer rir. Um orador político não deve ter feito ninguém rir até hoje, pois um orador político não fala besteira, mas coisa séria, portanto imbesteira e quem ri, então não entende nada de política. Os ouvintes que entendem de política, são super raros. Todos sabem rir de piadas, mas rir de política é um sinal de apligelitica que significa mais ou menos isto: um discurso político pode durar horas sem que os ouvintes devam se chatear, enquanto que um discurso comico muitas vezes provoca sono já depois de poucos minutos. Mas o que quer dizer comigo ? Comico quer dizer alegre, estar alegre quer dizer rir e o que provoca o riso, é ridículo! O que não é ridículo hoje em dia ? Por exemplo as fofocas das quais nos alimentamos. Ridículas são algumas reportagens de jornal. Há pouco tempo li no jornal que o conhecido faquir Suhhi teve de interromper uma apresentação no teatro de variedades em Berlim por casusa da escassez de alimentos vigentes. Vocês também não acham ridículo que os austríacos tenham de "morder" o vinho para sentir seu sabor ? Para isso são necessários, como se sabe, dentes bons. Há mais ou menos sete milhões de austríacos, dos quais talvez a metade tenha bons dentes. A outra metade, portanto, não pode morder o vinho. Imaginem vocês se nos dessem sō o vinho daqueles não puderam "morder" o vinho por causa dos dentes ruins, então a gente teria de novo um vinho. E se a gente não "mordesse" ele, a gente já se daria por muito feliz de finalmente ter vinho de novo prá encher a cara.

Nos velhos bons tempos, quando não era tudo tão raro como hoje em dia é o vinho, corria tudo muito bem no rádio. Naquela época havia humor e os ruídos todos a gente mesmo que fazia!



No estúdio de rádio.

Uma cortina cinza-claro faz o pano de fundo do palco, cortina que é bem iluminada por uma iluminação visível com vários holofotes grandes instalados no teto do palco com quebra-luzes. Numa placa grande com moldura preta ~~lado do~~ vêm-se super legíveis as palavras. ATENÇÃO! LÂMPADA VERMELHA ACESA, SILÊNCIO ABSOLUTO!

No meio do palco está uma mesa grande com grande número de aparelhos e interruptores. Mais à distância vê-se um caneco de chopp, um prato com pedaços de folha de metal e uma sirene em forma de cogumelo, montada no meio da mesa. No lado ~~estrito~~ direito está afixado uma armação em forma de forca de madeira da qual pende um sino grande, em cujo badalo, assim como nos banheiros está afixada uma longa tira preta. Ao lado da mesa, um segundo plano, a estante com o tambor cilíndrico da máquina de vento, mais à direita uma estante com a folha do trovão e a baqueta correspondente. Do outro lado da mesa três baldes de folha amassadas, uma cadeira, um cabide e o microfone em fios de conexão.

Liesl K - Veste sobre seu vestido escuro um guarda-pô branco, sem decote com gola, mas o guarda-pô não está abotoado.

Karl V - entra com um chapéu de palha antiquado, palheta. Tráz uma peruca vermelha, escabelada e sobre o incrível nariz de pato um par de óculos de aro preto, com lentes redondas. Seu terno preto está puido e brilha nos cotovelos e joelhos, o casaco, antiquado e de camponês, forma um tufo abaixo da cintura. Sob a calça extremamente justa e meio curta aparecem meias de lã cinzentas enormes botas de borracha.

Liest K - entra, chega ao microfone e diz. Meus mui prezados ouvintes! Apôs a palestra científica a respeito da procriação dos besouros teremos agora uma pequena pausa. Estaremos no ar novamente em três minutos. (Ela apaga a lâmpada vermelha). Sô gostaria de saber aonde se enfiou o contra regra; ele devia estar aqui há horas. (Grita para os bastidores): Srta Aninha, ~~por favor~~ ligue para a sala de audição e diga que o ~~contra regra~~ venha imediatamente à sala de transmissões



Karl V - Entra, vai até o meio do palco e fica parado junto à mesa).

Karl V - Bom dia!

Liesl K - Bom dia! O que é que o Sr. deseja ?

Karl V - Eu queria um fio de antena, de vinte e cinco metros.

Liesl K - O que ?

Karl V - Preciso de um fio de antena de vinte e cinco metros.

Liesl K - Mas, escute, como é que o Sr. conseguiu entrar nesta sala de gravações ?

Karl V - Pela porta.

Liesl K - Bem, isto eu acredito. Mas nós não temos nada para vender aqui.

Karl V - Um amigo conhecido meu quer construir um rádio prá ele e me manda aqui por causa do fio de antena.

Liesl K - Ela com certeza mandou o Sr. prá outro lugar. Aqui o Sr. está errado.

Aqui é a sala de transmissões da estação de rádio, aqui não tem antena de vinte e cinco metros.

Karl V - Nem de vinte ?

Liesl K - Não, não temos nada para vender, aqui só se transmite.

Karl V - Mas eu estou com o dinheiro aqui. (ele pega um rolo de fio que está sobre a mesa). Este seria o certo, tire-lhe novamente o arame).

Liesl K - Não, estou dizendo, o fio é para outros fins!

Karl V - Ah é ? Prá isso a Sra. precisa de um fio ?

Liesl K - Vê se dá um jeito de sumir daqui!

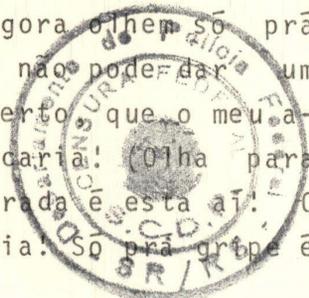
Karl V - Talvez a Sra. tenha parafusinhos, assim parafusos novos...

Liesl K - Não. Mas agora dê um jeito de sair de uma vez daqui. Temos de continuar com nosso trabalho.

Karl V - Tã, tã bom. Então este aí a Sra. não vende de jeito nenhum. (Pega outra vez o rolo de rame).

Liesl K - Não, de jeito nenhum (ela sai).

(Karl V. fica parado ainda alguns passos, aproxima-se mais uma vez da mesa e olha o fio) agora olhem só prá essa gordinha estúpida, tem um fio e não pode dar um pedaço. Justamente este que ia dar certo que o meu amigo precisa. Então fica com ela porcaria! (Olha para os aparelhos na mesa). Mas que coisarada é esta aí! O que os homens não inventam hoje em dia. Só prá grube é que não inventaram nada ainda!



Ah, isto é um motor de sala de transmissão! (põe a mão num interruptor. Repentinamente a máquina de tempestade começa a funcionar, ouve-se o uivar do vento).  
(Liesl K entra intempestivamente, apavorada) Mas o que é que está havendo aqui ?

Karl V - Aponta para o interruptor) Isto aí.

Liesl K - Mas isto não pode começar a funcionar sozinho!  
(atira-se ao interruptor e desliga a máquina de tempestade).

Karl V - Claro que sim.

Liesl K - Mas isto não é possível!

Karl V - É claro que começou a funcionar sozinho.  
Eu tava aí parado e de repente começou a funcionar.

Liesl K - Então o Sr. mexeu em alguma coisa.

Karl V - Não, não mexi em nada, eu tinha de ter visto, se tivesse mexido.

Liesl K - Então o Sr. não mexeu em nada ?

Karl V - Não.

Liesl K - Ah - e eu devo ser tão idiota e acreditar ?

Karl V - Sim, Sra.

Liesl K - Claro que o Sr. mexeu, estou vendo.

Karl V - Ali de jeito nenhum.

Liesl K - Então o Sr. não tocou em nada aqui ?

Karl V - Não, mas sô bem pouquinho.

Liesl K - O Sr. tá mentindo na minha cara.

Karl V - É.

Liesl K - O que o Sr. está pensando ? Se o microfone estivesse ligado, a gente teria ouvido no mundo todo que o Sr. estava fazendo vento aqui.

Karl V - Tão longe ?

Liesl K - É óbvio. Aqui está nosso microfone. (Mostra-o a ele).

Karl V - Muito prazer. (Faz uma medida).

Liesl K - O Sr. ainda tem de se dar por muito feliz em não ter-lhe acontecido nada! O que está pensando! Todos estes aparelhos aqui estão numa tensão de quinhentos mil volts.

Karl V - Tão caro!

Liesl K - O Sr. poderia estar morto agora!

Karl V - Pelo amor de Deus! Tão jovem e morto já!

Liesl K - Onde será que se meteu o contra regra? Já estou toda nervosa! (grita para o bastidor lateral).



Srta. Aninha, o que é que está acontecendo com o contra regra (Prestação atenção ouvindo).

Como ? Ele não pode vir hoje ? Essa é boa. É, o que é que eu vou fazer ? (Karl V. vai saindo lentamente para o outro lado. Liesl K. tem uma idéia repentina e chama o, justamente quando ele vai desaparecendo pelos bastidores) Pare! O Sr. pretende fazer alguma coisa agora ?

Karl V - Tenho que encontrar um fio).

Liesl K - O Sr. no momento não tem nada de importante para fazer ?

Depois eu arrumo para o Sr. um fio para antena, se me der uma mão agora. O Sr. até pode conseguir ligeirinho uns cinco marcos.

Karl V - (olhando-a, espantado) É, o que é que a Sra. quer dizer com isso ?

Liesl K - Bem, preste atenção. Trata-se do seguinte: O contra regra não está, ele simplesmente não apareceu, e aí eu gostaria de pedir se o senhor não poderia ficar no lugar dele e fazer uma coisinha na mesa. É possível ?

Karl V - Não! De maneira nenhuma! De momento pelo menos não. (Ele faz menção de ir embora, de novo).

Liesl K - Fique aqui, aposto que pode. (Karl V. se aproxima, com uma atitude curiosa). Bem, preste atenção). Eu vou fazer um monólogo e o Sr. tem que fazer os ruidos para acompanhar. Normalmente é o contra regra quem faz isto. Mas como ele não veio hoje, o senhor tem que me ajudar. Primeiro guarde seu chapéu! (Ela pega seu (script)

Karl V - (Não sabe o que fazer do seu chapéu, põe o chapéu na borda da mesa, o chapéu cai, depois ele o bota debaixo do braço, mas se dá conta que assim ele não consegue movimentar a mão; aí ele o segura debaixo do queixo).

Liesl K - (arranca o chapéu do queixo de Karl V e o atira no chão). Meu Deus, guarde de uma vez este chapéu! Bem, agora preste atenção...

Karl V - (olha tristemente o seu chapéu).

Liesl K - (continua) Bem, é o seguinte...

Karl V - (olha de novo seu chapéu).

Liesl K - Mas o senhor nem presta atenção. Que é que há ?

Karl V - Meu chapéu!

Liesl K - Mas ninguém vai tirá-lo daí.

Karl V - Sim, mas se alguém pisar em cima ?



- Liesl K - Quem pisaria em cima ?
- Karl V - Eu.
- Liesl K - Mas o senhor sabe que o chapêu está aqui.
- Karl V - E se eu esquecer ?
- Liesl K - Está bem, então pegue seu chapêu! Mas que saco!
- Karl V - (busca seu chapêu no mesmo instante).
- Liesl K - (Então guarde de uma vez por todas o chapêu.
- Karl V - (tenta febrilmente pendurar seu chapêu em algum lugar. Ele o enfia por cima do sino, o chapêu escorrega. Ele o pega nas mãos, torcendo braços e pernas de todas as maneiras possíveis e tomando todas as posições imagináveis; por fim ele apóia o cotovelo direito no seu chapêu que ele segura embaixo, com a mão esquerda, equilibrando-se numa perna, enquanto mantém a outra enroscada na primeira).
- Liesl K - (Zangadíssima, arranca o chapêu das mãos dele.)
- Karl V - (tropeça, mas logo se equilibra outra vez).
- Liesl K - (atira o chapêu na mesa, com força.
- Agora eu vou me colocar diante do microfone e fazer o monólogo, e aí o Sr. tem que fazer os ruidos para acompanhar. O senhor não tem que dizer nada, só precisa executar aquilo que está marcando com vermelho, aqui no script.
- Karl V - Quando ?
- Liesl K - Isto vou lhe dizer. Quando por exemplo eu disser: está trovejando - aí nós temos este aparelho aqui.  
(ela lhe mostra a folha de metal para fazer o "trovão")  
Com isto, o senhor tem que produzir o trovão. Ou quando eu digo: o vento uiva -
- Karl V - Aí eu tenho que uivar ?
- Liesl K - Não, para isto temos duas máquinas de vento, a grande, (ela aponta para a máquina manual) para a grande ventania. (Karl V. a faz girar algumas vezes, e faz-se ouvir um ciclone terrível. Liesl K. o puxa pelo braço para longe da máquina de vento) e aqui a pequena, para pouco vento (ela lhe mostra o interruptor correspondente).
- Karl V - Esta já experimentamos. (ele se aproxima mais dos aparelhos e os toca). E o que é isto ? (Ele faz o sino tocar). É para chamar para o recreio ?
- Liesl K - Não. Deixe os aparelhos em paz! Eu vou lhe explicar tudo! Vou ficar aqui, junto com o senhor.

- Karl V - (olha no script) Ah, já entendi. Quando a Sra. diz: Benéfico é do fogo o poder - aĩ eu tenho que fazer fogo!
- Liesl K - Não, que idéia. Já lhe disse para o senhor observar sô o que está marcado de vermelho. Fora disto o senhor não precisa fazer nada. É bem simples! É que nem no teatro. Bem está mais do que na hora! Temos que começar! Mais alguma cois-a. Quase esqueci o mais importante.
- Karl V - Os meus cinco marcos.
- Liesl K - Não, olhe para lã: quando a luz vermelha estiver acesa...
- Liesl K - Aĩ o microfone está ligado e a partir deste momento ouve-se tudo que se passa neste estúdio, no mundo inteiro.
- Karl V - Mas que barbaridade.
- Liesl K - Por isso, quando a luz vermelha estiver acesa, o senhor não pode tossir, nem assoar o nariz, nem emitir som algum, quer dizer manter completo silêncio, conforme diz o cartaz aqui. (Ela lhe mostra o cartaz). Pronto, agora vai começar.
- Karl V - (tira a mão vazia de dentro do bolso da calça e a estende em direção a Liesl K, solicitando seus cinco marcos, faz o gesto de contar dinheiro, desenha um cinco bem grande no ar e abre de novo a sua mão num gesto de quem recebe dinheiro).
- Liesl K - (acende a luz vermelha, coloca o dedo nos lãbios e aponta para a luz vermelha acesa).
- Karl V - Ah, já está acesa! (ele tropeça em direção ao microfone, derrubando um balde e fazendo um barulho imenso).
- Liesl K - (o puxa para tras, furiosa, apontando para o cartaz, e outra vez coloca o indicador nos lãbios, num gesto imperioso. Ela se coloca na frente do microfone).
- Liesl K - No microfone: Minhas caras ouvintes, meus caros ouvintes! Hoje, apresento-lhes alguns fragmentos dos nossos grandes autores clãssicos alemães, começando com o discurso do oficial, da balada "O Sino", de Schiller.
- Karl V - (toca fervorosamente o sino que emite um 'rinng" estridente).
- Liesl K - (puxa Karl V. para trãs, horrivelmente).  
Benéfico é do fogo o poder,  
enquanto o homem o dominar, com ele  
e o que ele formar, criar,



ele o deve a esta força celestial.  
 Mas terrível torna-se esta força celestial,  
 quando das presilhas se desvencilhar,  
 quando nas suas próprias pisadas andar,  
 a filha livre da natureza.  
 Ai se ela, sem presilhas,  
 (Karl Valentin pega a bizina e dá várias búzinadas.  
 Liesl K. o olha, furiosa, e faz sinal para parar).

Liesl K - E crescendo, livremente  
 Pelas ruas povoadas -  
 (Lark V. faz o som de muita gente murmurando, ouve-se  
 'rabrababrab - etc. Liesl K, outra vez, faz sinal para  
 parar, pasmada).

Liesl K - Rola o fogo monstruoso!  
 Pois os elementos desprezam  
 o que fez a mão humana.  
 Da nuvem  
 Brota a bênção,  
 vem a chuva;  
 (Lark V. verte água de um caneco de chope para um bal-  
 de; faz um som oco e metálico).

Liesl K - Da nuvem, sem distinção,  
 cai o raio.  
 (Karl V. produz um trovão gigantesco, batendo com a ba-  
 queta do tambor grande na folha de metal. Liesl K. faz  
 sinal para parar, Mas Karl V. não pára, batendo cada  
 vez mais forte, até que Liesl K. dê um salto para o la-  
 do dele, arrancando-lhe a baqueta das mãos. Usando to-  
 da a força, ela o puxa para longe da folha de metal,  
 nisto ele bate com a cabeça na sineta, que é acionadas  
 outra vez e começa a tocar).

Liesl K - Ouvem os gemidos do alto da torre ?  
 (Karl V. pega um apito que imita passarinhos, produzin-  
 do o gorjeio de uma cotovia).

Liesl K - É a tempestade!

Liesl K - Vermelho como sangue.

Liesl K - Não é o dia o fulgor!

Que tumulto  
 Pelas ruas!  
 Que vapor a borbulhar!  
 Coluna de fogo, bruxuleante,  
 Pela longa fileira das ruas



Continua crescendo

Ligeiro como o vento.

(Karl V. faz girar a máquina grande de fazer vento).

Liesl K - Fervendo como saída da goela dum forno

Ardem os ares, vigas rebentam,

(Karl V. quebra sarrafos de madeira sobre os joelhos).

Liesl K - Postes caem

(Karl V. joga uma viga no chão).

Liesl K - Janelas tinem

Karl V - Joga no chão os pratos com pedaços de metal).

Liesl K - Crianças choram

(Karl V. (grita, em falsete): Mãeee, mãeee -

Liesl K - Mães erram, procurando

(Larl V. faz girar uma lata presa num cordão).

Liesl K - Bichos gemem

Sob escombros

(Karl V. uiva que nem um cachorro).

Liesl K - Todos correm, salvam, fogem,

A noite é iluminada qual luz do dia;

Pela longa fileira das mãos

Voa o balde -

(Karl V. joga três baldes de zinco de frente para o fundo do palco. Liesl K., horrorizada, faz sinal que não, voa para o lado dele, mas sô consegue pegã-lo pelo braço quando ele já está ao terceiro balde, e o detêm).

Liesl K - Em carco alto

Fontes jorram ondas d'água

(Karl V. pega um copo, toma a boca cheia d'água e faz esguichar a água no rosto de Liesl K).

Liesl K - Uivando aproxima-se a tempestade.

(Karl Valentin liga a sirene. Vê-se o Liesl K gritando, sem no entanto ouvi-lo. Ela quer desligar a sirene, mas não acha o interruptor. Também Karl V, procura desesperadamente pelo interruptor, Liesl K se escabela, torce as mãos, sem saber o que fazer, gira febrilmente todos os interruptores, em vão. Finalmente Karl V. pula para cima da mesa e senta no centro da sirene, que pãra imediatamente. Ele faz uma reverência para o público, a sirene em seguida começa a tocar de novo, ele senta ligeiro pela segunda vez, e a para.

Liesl K. finalmente encontrou o interruptor e o desliga com um "cnac" audível. O pano cai rápido/mas abre

logo em seguida, Karl V, faz uma reverência, pega, triunfante, o rolo de arame para antena de cima da mesa, e sai. Devagar, cai pela segunda vez, o

p a n o.

Adaptação: Dilmar Messias

Outubro de 1983.

